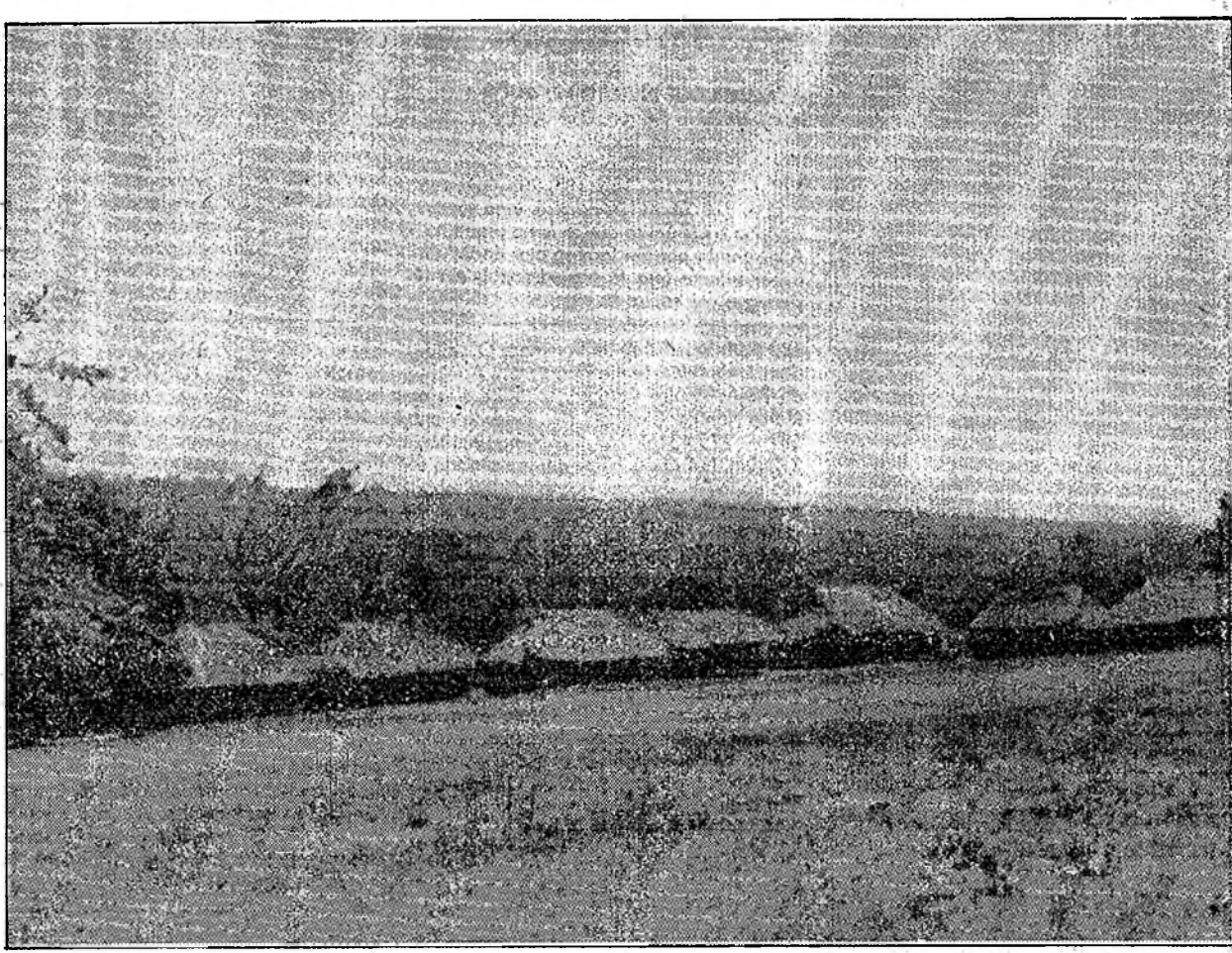
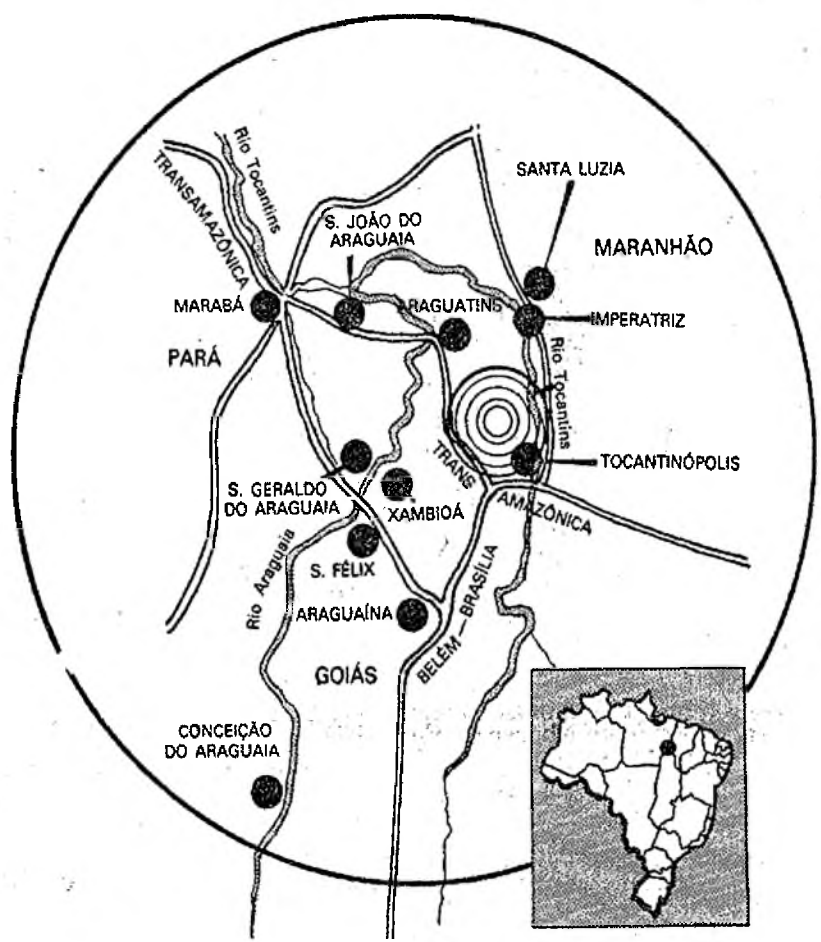


# OS ÍNDIOS APINAJÉS E A COMPLICADA DIVISÃO DAS TERRAS DE SÃO JOSÉ

CEDI - P. I. B. DATA 29 05 86 COD. AC 004



Éis a aldeia São José, dos apinajés



A localização da área que ameaça dividir ainda mais os índios e os fazendeiros

## Norma Couri

Os amigos nindô-pô e kranga-brêh há muito sabem dos problemas do Capitão Grossinho, chefe índio há quase 20 anos da aldeia de São José. Porque, embora sejam kúpen (estrangeiros), já viveram entre eles e escreveram teses, livros, muito sobre os panim ou Apinajé. Nindô-pô (nome de herói indígena) e kranga-brêh (cabeça vermelha) são igualmente antropólogos que entre os civilizados (conceito assimilado pelo próprio Capitão Grossinho) são mais conhecidos como José Reginaldo Gonçalves e Roberto da Matta.

Problema é o Pai Grande (pode ser Deus ou o Presidente, do Brasil ou da Funai) que talvez nem chegue a ler a carta do Capitão, ainda não localizada nos diversos departamentos do órgão.

Problema, ainda, é o criado quando decidiu dividir o terreno (terra) historicamente pertencente aos apinajés. Isto é, desde que a Funai nomeou em 1975 uma Comissão para cuidar da divisão.

As reuniões dessa Comissão contavam com o chefe do posto, políticos locais, o bispo, o prefeito e nenhum representante apinajé — dizem José Reginaldo e Roberto da Matta.

E assim, das propostas de demarcação — a dos índios e de Roberto da Matta — foi considerada inaceitável pela comissão, a dos fazendeiros inaceitáveis pelos índios — vingou a da Funai, conciliatória, mas nem tanto.

Os índios não se conformaram. Não que sejam preguiçosos ou ignorantes, como corre a lenda ou consta em alguns livros de História. Capitão Grossinho, 50 e poucos anos, é dos índios mais inteligentes que o antropólogo da Matta já conheceu.

É aquele índio que todo antropólogo quer encontrar, o indivíduo que pensa na sua sociedade, que usa seu poder com o exemplo, a palavra, a exortação.

Se é preciso roçar a aldeia, Capitão Grossinho é o primeiro a pegar o facão. Se há riqueza, Capitão Grossinho é o primeiro a passá-la adiante.

É o filósofo que ensina aos antropólogos a língua e os costumes Apinajé, além de generosidade e paciência.

Nunca o vi expressar um gesto de revolta diante da insensibilidade dos políticos brasileiros em relação ao problema indígena, diz da Matta.

Mas os apinajés foram diminuindo — eram 4 mil 200 por volta de 1823 — as aldeias acabando — as de Santo Antônio, Cocal, Bom Jardim, Gato Preto, Botica foram exterminadas, sobraram as de São José e Mariázinha (já demarcada) — as terras encolhendo. Aos apinajés, que habitavam todo o extremo Norte goiano, do Araguaia ao Tocantins, quando os primeiros visitantes lá chegaram (há documentos datados de 1774), só coube hoje um pedaço de terra árdua à direita da Transamazônica.

Do tronco lingüístico Macro — Jê, um dos subgrupos Timbira (inclui Canelas, Gaviões, Krikaty, Kranô, Kayapô), os apinajés sobreviveram, mas ainda não conseguiram provar ao "civilizado" que quando

brasileira é achar que a lei muda a realidade, mas as leis são feitas aos montes e a realidade continua lá, como está. Assim, os mediadores são os donos dos índios.

Os antropólogos dão um aparte: — Aqui nós não falamos em nome dos índios. Nós traduzimos o que eles dizem, usamos o jornal, por exemplo, ou uma reportagem que pode ou não ser publicada. Tentamos traduzir seu pensamento, somos os cavalos dos Apinajé. Mas não somos seus donos. Eles são capazes, e muito, de se organizar, de se articular. Não têm voz. Nós somos seu microfone. Aliás, é esse o papel do antropólogo.

E onde fica, então, o papel do encarregado da Funai, em contato constante com os Apinajé?

— Fica num papel mal definido, sem critério ou ética, entre a sociedade e o grupo tribal. Numa relação de ambigüidade com os regionais, ficam abandonados à patronagem. Muitas vezes são clientes dos fazendeiros, dependem deles para conseguir médicos para seus filhos, transporte. É sabido que lá em Tocantinópolis quem fica do lado dos fazendeiros "ou for esparto" está com tudo, "só não dá certo se se mete com os índios". A expectativa é de que um branco fique naturalmente do lado dos brancos. Para o antropólogo é fácil ficar com os índios, ele está numa posição confortável, val e volta. Os encarregados da Funai ficam, têm filhos, moram lá. E assim, quando a corrente arrebeita, é sempre do lado do mais fraco, ou seja, do índio.

E fica a denúncia de que a Funai "é ainda a tutela do índio, e enquanto não mudar sua aspiração de tutelar para a de representar a situação vai continuar feia como está ou pior.

— Porque o negociador do índio é ligado à Funai, que por sua vez é ligado ao Ministério, que é desenvolvimentista e quer terra para outros fins. E a coisa se resume num conflito de instituições — INCRA, Banco do Brasil, Funai etc. — deixando ao índio a chance de sobreviver através das brechas que a sociedade oferece. Ou seja, as contradições entre as muitas agências de contato (Igreja, Estado).

Ou de sobreviver através de seus próprios conflitos e de seu próprio extermínio. Por exemplo, foi por causa de um massacre dos índios Kraoh, na década de 40, organizado pelos fazendeiros locais, que o Governo de Goiás resolveu dar terras a essa tribo, mais ao Sul da região de Pedro Afonso.

— Essa a trajetória dos grupos oprimidos, como os índios, os operários, os camponeses, que eventualmente são jogados uns contra os outros (como no caso das terras e o último elo da cadeia da exploração, quando abaixo desse grupo só se encontram a floresta, que não pode gritar, e os animais, que não falam. São os índios, parte da natureza, que ainda reagem, antes que a violência chegue a seu limite. O índio que enfrenta todo tipo de preconceito na cidade, todo tipo de idealização ecológica ou sexual, sendo ainda o índio da lata de biscoito Amyoré em muitos lugares.

Os antropólogos, a quem a carta foi endereçada, vêem nela um apelo sério ("suas crianças têm fome e estão doentes porque não têm proteína, proteína é caça, caça é terra e a terra ainda não foi demarcada. Se houver conflito, todo mundo sabe por que").

— E na Ciência Social existe uma capacidade mínima de previsão: em 1970 — diz Roberto da Matta — eu alertei as pessoas para o conflito, quando demarcar a terra que os índios queriam ter, à esquerda da Transamazônica. Mas de nada adiantou.

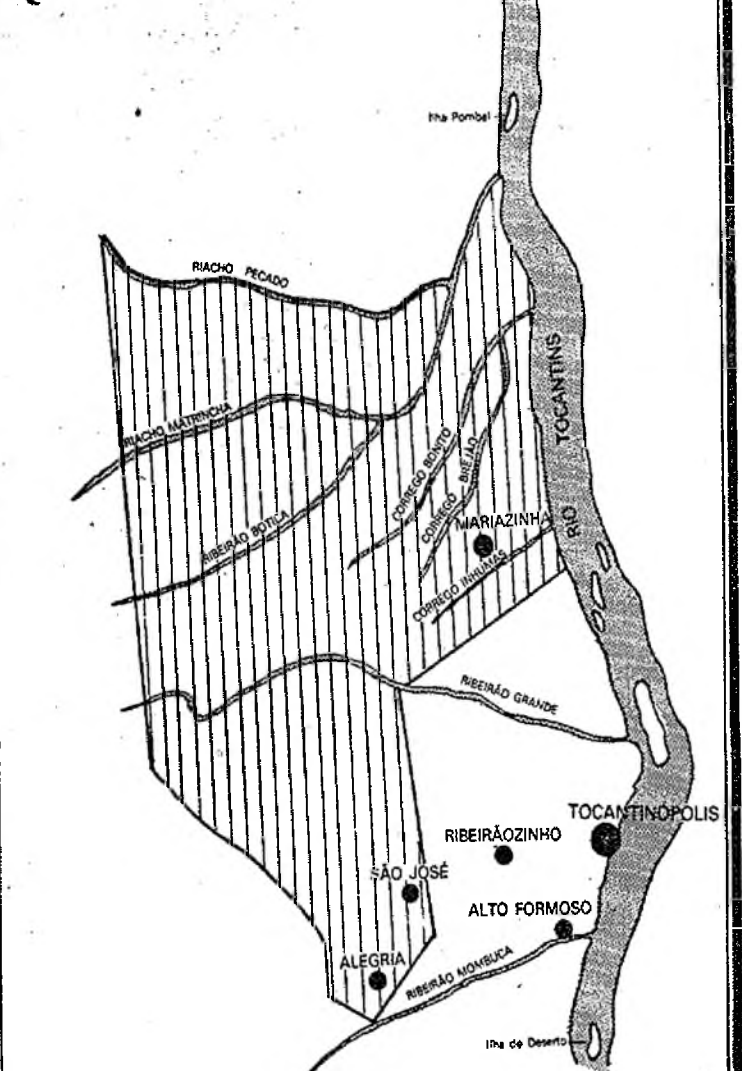
Tanto um quanto outro antropólogo têm conhecimento da região e vivência entre os Apinajé. Da Matta trabalha com a tribo desde 1962 e José Reginaldo morou lá em 1978. Os dois relembram situações da época da criação da comissão da Funai.

Os próprios relatórios do Grupo de Trabalho, datados de 27 de abril de 1976, confessam: — Ocupando uma área, rica ou não, os Apinajé, do ponto-de-vista da sociedade nacional, são um obstáculo, tanto à produção de babaçu com fins lucrativos, como à expansão da pecuária, pois os índios, apesar de o território ocupado por eles estar quase todo invadido, ainda insistem em mostrar resistência a esta situação.

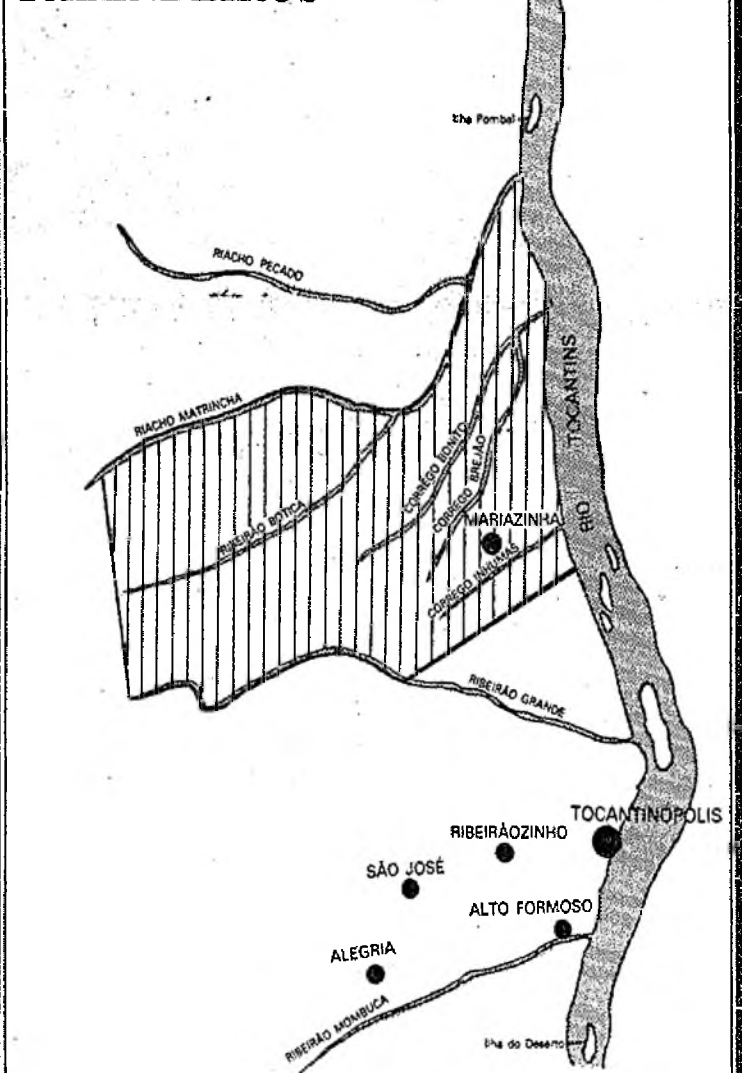
O relatório ainda fala das dificuldades apresentadas no simples trabalho de medição daquelas áreas e dos problemas criados a partir da própria presença da comissão naquele município conflituado.

E ao aprovar uma demarcação que bem sabiam não ser aquela pretendida pelos índios apinajés, esperavam "com a ajuda de Deus, ter cumprido com o nosso dever", mas quatro anos depois a carta de Capitão Grossinho "aquí está para sair briga, tá para morrer gente, aqui tá civilizado o índio" revelava não ter a comissão alcançado o seu fim.

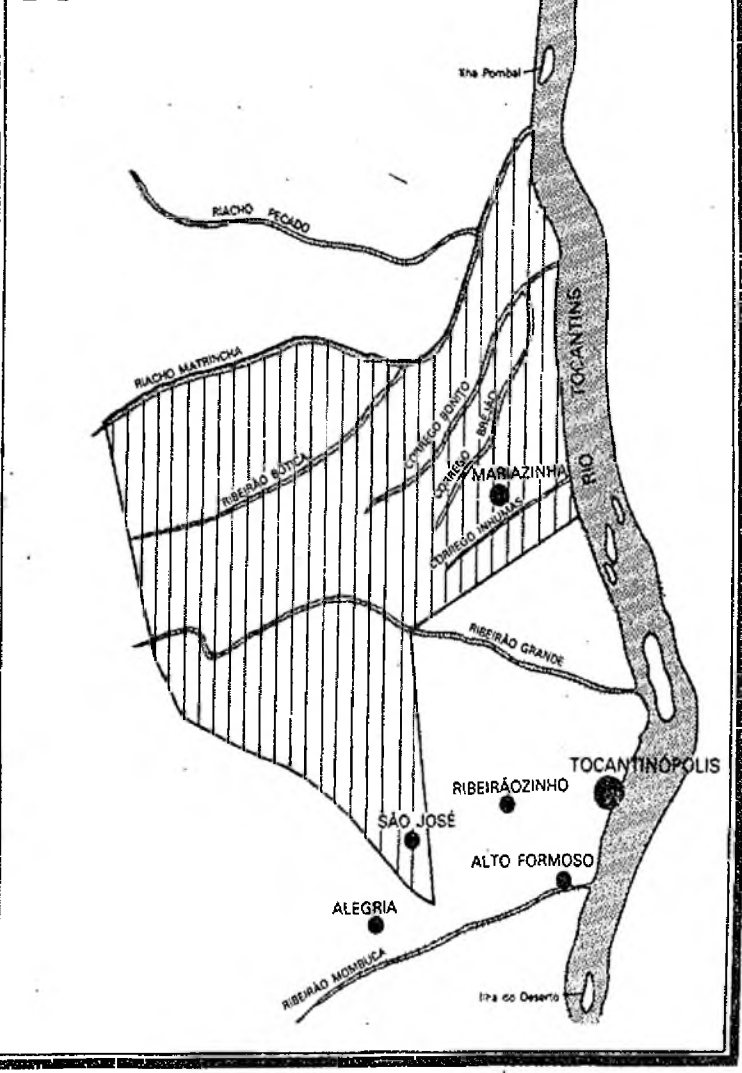
## O QUE OS ÍNDIOS APINAJÉS QUEREM



## A PROPOSTA DOS FAZENDEIROS



## A SOLUÇÃO DA FUNAI



## DUAS CARTAS DE CAPITÃO GROSSINHO

Aldeia São José, 21/10/80 NINDÔ-PÔ

Amigo Reginaldo, aqui vai tudo em paz e com saúde. Nós não estamos muito alegre aqui só porque o nosso terreno nunca foi demarcado. Aqui nós estamos botando duro para que o nosso terreno seja demarcado do jeito que queremos e por onde nós falamos. Aqui a nossa preocupação mais forte é só o terreno, nós aqui nós queremos que a demarcação sai logo para nós não ficar mais (situação) pelos civilizados.

Eles estão invadindo por tudo, entrando sem pedir nós. Muita gente quer entrar por tudo, quer entrar na força. Por causa disso nós duro nós não queremos abrir as mãos para que eles não entrem para cercar o terreno para depois ficar falando que comprou o terreno mas não comprou. Por causa disso nós não queremos que entre ninguém no terreno.

Aqui está para sair a briga por causa do terreno, eles estão duro e nós estamos botando duro. Tá para morrer gente, aqui tá civilizado o índio.

Se a FUNAI não demarcar o terreno logo aqui vai dar pau e vai morrer gente.

A FUNAI não está colaborando conosco. Ela está colaborando conosco mas não quer demarcar o terreno do jeito que nós queremos que eles demarcam para nos ficar dentro do que é nosso.

Agora não sei quando vai ser demarcado o terreno aqui.

Somente isto sobre o terreno.

Assina Capitão Grossinho e Augustinho.



Capitão Grossinho, o chefe índio apinajé

Aldeia São José, 21/10/80 KRANGA-BRÊH

Amigo Roberto eu te peço um favor para vocês porque eu quero ir ao Rio de Janeiro para falar com o Pai Grande. Se vê que vocês pode, me ajudar para eu ir para lá.

Se vê que não pode mande a resposta imediato.

Eu quero ir para saber como é que vai ficar a demarcação do nosso terreno. Se vai sair ou não vai sair.

Aqui nós já batemos no pé do fazendeiro.

Nesse dia quase que nós ir brigar só por causa disso. Nós estamos (...) para que o terreno saia logo.

Somente isto sobre o terreno.

Eu quero que vocês mande remédios para nós. Por que aqui só as crianças estão doentes, muita criança dando febre e gripe. Os velhos também tem muito adulto também doente.

Somente isto, um forte abraço para vocês do Capitão Grossinho e do Augustinho Fernandes.

## FUNAI NÃO ACHA CARTA E CRIA OUTRA COMISSÃO

BRASILIA — De Brasília, o assessor de imprensa da Fundação Nacional do Índio, Silvio Raine, diz que o órgão ainda não localizou a carta enviada pelo Capitão Grossinho: deve estar circulando entre os diversos departamentos.

Da mesma forma, o Departamento Geral de Operações e o Departamento Geral de Projetos Comunitários não deram nenhum parecer sobre a proposta do Capitão Grossinho.

Quanto a área pleiteada pelos apinajés, a Funai informa que outra Comissão será constituída pelo Coronel Claudio Pagano — diretor do Departamento Geral do Patrimônio Indígena — para inspecionar uma vez mais a aldeia São José e ver a real dimensão das terras. Mas, segundo assessores da direção da Funai, evita-se comentar a ampliação de áreas indígenas. A razão, dada por eles, é impedir repetição de massacres como os que ocorreram no Xingu e no Gorotire (Pará) e, também, para que os índios não fiquem frustrados diante de promessas.